

# Jesus e a não-violência<sup>1</sup>

*Walter Wink*

Muitos dos que dedicaram as suas vidas a trabalhar pela mudança e justiça no mundo simplesmente descartam os ensinamentos de Jesus sobre a não-violência como idealismo pouco prático. E com boas razões. “Dar a outra face” sugere a qualidade passiva, dócil, cristã, que levou tantos cristãos a serem cobardes e cúmplices diante da injustiça. “Não resistir ao mal” parece quebrantar qualquer oposição ao mal e recomendar a submissão. “Caminhar a segunda milha” converteu-se numa banalidade que não significa nada mais do que “esforça-te”, e em vez de promoverem a mudança estrutural, encorajam a colaboração com o opressor.

Jesus obviamente nunca se comportou de nenhuma dessas maneiras. Qualquer que tenha sido a fonte do mal-entendido, está claro que não nem em Jesus nem no seu ensinamento, o qual, visto no seu contexto social original, é indiscutivelmente uma das declarações políticas mais revolucionárias jamais proferidas:

Ouvistes o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, digo-vos: Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. (*Mateus 5,38-41*)

Os tradutores ao traduzirem *antistēnai* [*Mateus 5,39a*] como “*não resistir ao mal*”, [...] estão a traduzir resistência não-violenta por docilidade. Jesus **não** disse aos seus ouvintes oprimidos para não resistirem ao mal. Isso teria sido absurdo. Todo o seu ministério está totalmente em desacordo com uma ideia tão ridícula.

A palavra grega é composta por duas partes: *anti*, uma palavra ainda usada em português para “contra”, e *histēmi*, um verbo que na sua forma substantiva (*stasis*) significa rebelião violenta, revolta armada, dissensão radical. [...]

Uma tradução adequada do ensinamento de Jesus seria então: “Não respondais ao mal (ou quem vos fez mal) do mesmo modo”. “Não retalieis contra a violência com violência”. [...] Jesus não estava menos empenhado em se opor ao mal do que os

---

<sup>1</sup> Extraído de WALTER WINK – *Jesus and Nonviolence: The Third Way*. Minneapolis: Fortress Press, 2003, p. 9-27. Títulos da nossa responsabilidade. Citações bíblicas da *Bíblia Sagrada*. Difusora Bíblica, 5ª edição, 2008.

combatentes da resistência antirromana. A única diferença consistia nos meios a usar: *como se deve lutar contra o mal*.

Há três respostas gerais ao mal: (1) oposição violenta, (2) passividade, e (3) a terceira via da não-violência militante articulada por Jesus. A evolução humana condicionou-nos apenas para as duas primeiras respostas: luta ou fuga.

Nenhuma destas alternativas tem a ver com o que Jesus propõe. É importante que estejamos absolutamente claros sobre este ponto antes de prosseguir: *Jesus abomina tanto a passividade quanto a violência como respostas ao mal*. A sua é uma terceira alternativa que estas opções nem sequer tocam. *Antistēnai* não pode ser interpretado como submissão.

Jesus esclarece o seu significado com três breves exemplos.

### **1. DÁ A OUTRA FACE**

“Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” [Mateus 5,39b]. Porquê a *face* direita? Em todo o caso, como é que alguém golpeia outro na face direita? Experimente. Bater com a mão direita naquele mundo destro atingiria a face *esquerda* do oponente. Para golpear a face direita com a mão, seria necessário usar a mão esquerda, mas nessa sociedade a mão esquerda era usada apenas para tarefas impuras. Mesmo gesticular com a mão esquerda em Qumran acarretava a pena de exclusão e dez dias de penitência (Manuscritos do Mar Morto, 1QS 7). A única maneira de se poder golpear a face direita com a mão direita seria com as *costas da mão direita*. Estamos a lidar aqui inequivocamente com um insulto, não com uma luta. A intenção não é ferir, mas humilhar, colocar alguém no seu “lugar”. Normalmente não se golpeava um par deste modo, e se alguém o fazia a multa era exorbitante [...]. Uma bofetada com as costas da mão era a maneira normal de admoestar os inferiores. Os senhores bofeteavam com as costas da mão os escravos; os maridos, as esposas; os pais, os filhos; os homens, as mulheres; os romanos, os judeus. *Temos aqui um conjunto de relações desiguais, em que cada retaliação seria suicida*. A única resposta normal seria submissão cobarde.

É importante perguntar quem é a audiência de Jesus. Em todos os casos, os ouvintes de Jesus não são aqueles que atacam, iniciam ações judiciais ou impõem trabalhos forçados, mas as suas vítimas [...].

Porque é que, então, Jesus aconselha essas pessoas já humilhadas a darem a outra face? Porque esta ação rouba ao opressor o poder de humilhá-los. A pessoa que

dá a outra face está a dizer, de facto, “Tente novamente. O primeiro golpe não conseguiu atingir o efeito pretendido. Nego-lhe o poder de me humilhar. Sou um ser humano como você. A sua condição não altera esse facto. Não me pode rebaixar.” [...]

## 2. DÁ TAMBÉM A CAPA

O segundo exemplo dado por Jesus passa-se num tribunal [cf. *Mateus* 5,40]. Alguém está a ser processado para obter a sua roupa exterior. Quem faria isso e em que circunstâncias? O Antigo Testamento fornece as pistas:

Quando emprestares alguma coisa ao teu próximo, não entrarás em sua casa para tomar penhor. Esperarás fora, e o homem a quem fizeste o empréstimo é que virá cá fora trazer-te o penhor. *Se esse homem for pobre*, não te deitarás com o seu penhor. Devolver-lhe-ás o penhor ao pôr-do-sol para que possa repousar sob o seu manto e te abençoe. ... Não ... receberás como penhor o vestido de uma viúva. (*Deuterónimo* 24,10-13.17)

Apenas os mais pobres dos pobres não teriam nada além de uma peça de vestuário exterior para dar como garantia para um empréstimo. A lei judaica exigia estritamente a sua devolução todas as noites ao pôr-do-sol, pois era tudo o que os pobres tinham para dormir. A situação a que Jesus alude é aquela com a qual os seus ouvintes estariam bastante familiarizados: o pobre devedor afundou-se cada vez mais na pobreza, a dívida não podia ser paga e o seu credor levou-o a tribunal para exigir o reembolso.

O endividamento era o problema social mais sério na Palestina do século I. As parábolas de Jesus estão cheias de devedores que se esforçam para recuperarem as suas vidas. [...]

É neste contexto que Jesus fala. Os seus ouvintes são os pobres (“Se alguém quiser litigar *contigo*” [*Mateus* 5,40a]). Eles compartilham um ódio furioso contra um sistema que os submete à humilhação, despojando-os das suas terras, dos seus bens e, finalmente, até mesmo das suas roupas exteriores.

Porque é que, então, Jesus os aconselha a dar também a roupa interior? Isso significaria despojar-se de todas as suas roupas e sair do tribunal nu! Coloque-se no lugar do devedor, e imagine as risadas que tal proposta deve ter provocado. Lá está o credor, corado de vergonha, com a sua peça de roupa exterior numa mão, a interior na outra. De repente você inverteu os papéis. Você não tinha esperança de ganhar o julgamento; a lei era inteiramente a favor dele. Mas você recusou-se a ser humilhado, e ao mesmo tempo registou um protesto impressionante contra um sistema que gera

tal dívida. Você disse, com efeito, “Quer a minha túnica? Tome, leve tudo! Agora tem tudo o que tenho, exceto o meu corpo. É isso que vai querer a seguir?”

A nudez era tabu no judaísmo, e a vergonha não recaía sobre quem estava nu, mas sobre a pessoa que observava ou provocava a nudez (*Gênesis* 9,20-27). Ao despojar-se colocou o credor sob a mesma proibição que levou à maldição de Canaã. Enquanto vai pela rua, os seus amigos e vizinhos, surpreendidos, chocados, perguntam o que aconteceu. Você explica. Eles juntam-se à sua procissão cada vez maior, que agora se assemelha a um desfile de vitória. Todo o sistema que oprime os devedores foi publicamente desmascarado. O credor é revelado como não sendo um prestamista “respeitável”, mas sim uma parte na redução de toda uma classe social à escassez de terras e à indigência. Este desmascaramento não é simplesmente punitivo; oferece ao credor a possibilidade de ver, talvez pela primeira vez na sua vida, o que as suas práticas causam, e arrepender-se. [...]

### **3. CAMINHA OUTRA MILHA**

O terceiro exemplo de Jesus, o que se refere a caminhar a segunda milha [cf. *Mateus* 5,41], está tomado da prática muito sábia de limitar a quantidade de trabalho forçado que os soldados romanos poderiam impor aos povos submetidos. [...] Um soldado podia forçar um civil a levar a sua mochila apenas uma milha; forçar o civil a ir mais longe incorria em penas severas sob a lei militar. Desta forma, Roma tentou limitar a ira dos povos ocupados e, ao mesmo tempo, manter os seus exércitos em movimento. No entanto, esta imposição era uma recordação amarga para os judeus de que eram um povo submetido, mesmo na Terra Prometida.

Para este povo orgulhoso, mas subjugado, Jesus não aconselha a revolta. Ninguém “faz amizade” com um soldado, puxa-o de lado, e mete-lhe uma faca entre as costelas. Jesus estava profundamente ciente da futilidade da revolta armada contra o poder imperial romano e não dissimulava a sua posição, o que lhe custaria o apoio das fações revolucionárias.

Mas porquê andar a segunda milha? Não equivale a cair no extremo oposto: ajudar e favorecer o inimigo? De modo nenhum. A questão aqui, como nos dois casos anteriores, é como os oprimidos podem recuperar a iniciativa, como podem afirmar a sua dignidade humana numa situação que, por enquanto, não pode ser modificada. As regras são de César, mas não a maneira como se reage às regras— isso é de Deus, e César não tem poder sobre isso.

Imagine então a surpresa do soldado quando, na marca da milha seguinte, relutantemente procura recuperar a sua mochila (30 a 40 quilos com o equipamento completo), e você diz: “Oh não, deixe-me levá-la mais uma milha.” Porque faria isso? O que pretende fazer? Normalmente, ele tem de coagir os seus compatriotas a carregarem a sua mochila; agora você fá-lo alegremente e *não irá parar!* É uma provocação? Está a insultar a sua força? Está a ser gentil? Está a tentar fazer com seja castigado por parecer obrigá-lo a ir mais longe do que deveria? Está a planear apresentar uma reclamação? A criar problemas?

A partir de uma situação de requisição servil, você tomou mais uma vez a iniciativa. [...]

Estes três exemplos amplificam o que Jesus quer dizer na sua declaração de tese: “Não reagais violentamente contra aquele que é mau”. Em vez das duas opções enraizadas em nós por milhões de anos de resposta irrefletida e bruta às ameaças biológicas do ambiente - fuga ou luta - Jesus oferece uma terceira via. Esta nova via marca uma mutação histórica no desenvolvimento humano: a revolta contra o princípio da seleção natural. Com Jesus emerge uma via pela qual é possível fazer frente ao mal sem se ver espelhado nele.